

Jornal de Coimbra

Propriedade:
"AUDIMPRESA—
Imprensa e Audiovisuais, Ld."

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Sofia, 95 - 2.º e 3.º - 3000 COIMBRA

Telefones:
Geral - 20 008
Redacção, Serviços Administrativos
e Publicidade - 2 54 71, 2 54 72

Direcção - 2 58 18

Fax: (039) 2 62 97 ou (039) 26 0 28

EXPEDIÇÃO E ARQUIVO
Rua Corpo de Deus, 35 - 3000 COIMBRA
Telefone: 20 008

DIRECTOR: Jorge Castilho

REDACÇÃO:

Ana Paula Sabino, António Alves, Dinis Alves,
Fernando Dias, Jorge Castilho, Jorge Lé, Paula
Gonçalves, Pedro Ribeiro.

REPORTAGEM FOTOGRÁFICA —

Nuno Silva, Paulo Novais, Vitor Ramos.

SERVIÇOS TÉCNICOS —

Artur Lima, Dulce Pinto

CORRESPONDENTES —

Cecília Costa (Bruxelas), Deniz Canelas Duarte
(Madrid), Domingos de Grillo Serrinha (Brasil),
Fernando Borges (Paris), Heinz Shaloske
(Alemanha), Nikolai Jerebtsov (Moscou), João
Drago (Macau), Maria João Pinto (Suécia).

DIRECÇÃO COMERCIAL: Ana Lopes

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE E SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS:

Ana Lopes, Elisa Carvalho, Fernando Marques,
Irene Castilho, Margarida Salgueiro, Vitor Loureiro.

COLABORADORES:

A. Cabral de Oliveira, Alfredo Marques, Alfredo
Rasteiro, Álvaro Castro, António Arnaut, A. Carvalho
Martins, António Brotas, António Orlão, Bárbara
Simões, Boaventura de Sousa Santos, Carla Ramos,
Carlos Encarnação, Carlos Reis, Carlos Santarém
Andrade, Casimiro Simões, Costa Carvalho, Dulce
Nele, Eduardo Dâmaso, Eurico Tiago, Fatínia,
Fausto Córdrea, Ferriando Dacosta, Fernando
Madall, Francisco Amaral, Francisco Ferreira,
Francisco Penálya Rocha, Gilberto Lopes, Graça
Barbosa Ribeiro, Henrique Milheiro, Jaime Ramos,
João Cordeiro, João Fonseca, João Luis Azevedo,
João Moreira Pires, João Paulo Moreira, João Pêlvos,
Joaquim Arenga, José Carlos de Vasconcelos, José
Gomes, José Pereira Bastos, José Vieira Marques,
J. Ribeiro Ferreira, Linhares de Castro, Luis Costa,
Luis Miguel Viana, Luis Filipe Frías, Luis Miranda
Rocha, Lusitano dos Santos, Manuel Alegre, Manuel
de Carvalho Santos, Manuel Correia, Manuel Queiro,
Maria Helena Carrington, Maria do Rosário Duarte,
Maria Teresa Alvim, Mário Martins, Marli Monteiro,
Pedro Choy, Pedro Dias, Pedro Fonseca, Pedro
Madeira, Pedro Rosa Mendes, Ribeiro Cardoso,
Rui Vasconcelos, Sansão Coelho, Vasco Pereira da
Costa, Virgílio Caseiro.

FOTOGRAFIA:

António Couto, António Pinto, Carlos dos Santos,
Eduardo Nunes, Fernando Marques (Formidável),
Guilherme Silva, Jaime Godinho, Leandro Scacchia,
Luís Carregá, Luís Jordão, Paulo Abrantes, Pedro
Portobello, Rui de Almeida, Rui Faria da Cunha,
Susana Paiva, Varella Pecuro.

Composição e montagem - AUDIMPRESA
Rua da Sofia, 95, 3.º - 3000 Coimbra
Telef.: 20 008

Impressão - Centro de Impressão CORAZÉ
(Oleiro - S. Tiago de Riba Ul - Tel. 056-686610
3720 Oliveira de Azeméis)

Distribuição - AUDIMPRESA
— Inscrito na DGCS sob o nº 112304
— Depósito Legal nº 18406/87

MEMBRO DA



ASSOCIAÇÃO DA IMPRENSA NÃO DIÁRIA

Ainda o inquérito sobre cultura

O "Jornal de Coimbra" publicou há três semanas os resultados de um inquérito efectuado a uma centena de estudantes universitários, cujos resultados foram surpreendentes, por atestarem desconhecimento, por parte dos jovens inquiridos, de algumas figuras marcantes em diversos domínios, e confusão ou ignorância sobre aspectos que o senso comum define como fazendo parte da "cultura geral".

Como é evidente, a publicação deste trabalho não visou atingir o prestígio da Universidade de Coimbra, já que — disso não temos dúvidas — resultados semelhantes, ou ainda bem piores, decerto seriam os obtidos em inquérito semelhante levado a cabo em qualquer outra das universidades do País.

Muito menos se pretendeu achincalhar a classe dos estudantes universitários, que nos merece o maior respeito — como qualquer outra classe.

De facto, ao aceitar a publicação do trabalho em causa, o "Jornal de Coimbra" visou apenas reforçar o alerta para um certo alheamento da nossa juventude universitária relativamente a coisas e pessoas que todos devemos conhecer, pela sua importância — e que fazem parte da bagagem cultural de gente mais velha e menos letrada.

Escusado seria dizer que não pretendemos julgar essa juventude universitária, e muito menos condená-la. Até porque, como é óbvio, à falta de conhecimentos que alguns jovens denotam não é fruto da Universidade — onde muito deles acabaram de entrar — mas sim provocada por diversos outros factores que antecedem o acesso ao chamado ensino superior.

Alguns desses factores foram, aliás, referidos nos depoimentos que tivemos a preocupação de publicar juntamente com os resultados do inquérito, da autoria de figuras prestigiadas — e que, por si só, afastariam a ideia de que o objectivo do trabalho era denegrir a juventude universitária de Coimbra (ou toda a juventude universitária, ou toda a juventude).

O destaque que demos ao assunto visou antes assumir-se, repetimos, como um alerta para educadores e educandos. E isto porque os resultados mostram as carências de informação sobre matérias com que os jovens estudantes podem defrontar-se agora, nos cursos que frequentam, mas especialmente com que se vão defrontar quando encetarem as suas carreiras profissionais.

Houve quem considerasse esse destaque excessivo. Mas também houve quem entendesse

o mérito do trabalho (e foram muitos os leito que nós fizermos chegar às suas felicitações dizendo-nos como comungavam das preocupações relativamente à falta de informação da juventude).

Aliás, é sintomático que o trabalho tenha tido eco em muitos órgãos de comunicação social nacionais. Refira-se, como exemplo, que na R1, Carlos Cruz abriu o seu programa "Zona" citando o trabalho do JC. Entre os mais importantes jornais semanários, o "Expresso" deu grande relevo ao assunto, igualmente citando o trabalho do JC num artigo da autoria de R. Pedroso Lima, que ilustrou com uma imaginação caricaturesca (que junto se reproduz). Dos mais destacados jornais diários, o "Jornal de Notícias" igualmente dedicou alargado espaço à questão citando o JC através de um artigo de Gomes Almeida, também ilustrado com uma outra caricatura (que reproduzimos junto a este texto).

Chega-nos agora o depoimento de Tiago Magalhães, Presidente da Associação Académica de Coimbra, que ao lado publicamos, seguido da resposta do jornalista Dinis Alves, que coordenou o trabalho em causa.

E desde já pomos as colunas do JC à disposição de outras pessoas — jovens ou menos jovens, professores ou alunos, educadores ou educandos — que queiram pronunciar-se sobre este tema.

LUSITÂNIA SHOW

VOZES DE BURRO

António
Gomes
de Almeida



Colaborador

Acreditem ou não, aqui há dias, uma certa pessoa perguntou-me se eu sabia como se escreve "assessor". "É assim, com dois cês cedilhados ("açecor"), ou só com um cê cedilhado e um êsse ("açesor")?".

Acreditem ou não, a pessoa que me fez tal pergunta tem formação universitária...

Veio-me este episódio à memória e à ponta da caneta — que é como quem diz, à tecla do computador — porque, por coincidência, encontrei recentemente, no "Jornal de Coimbra", uma peça muito curiosa: um inquérito, conduzido por um jornalista e efectuado por alunos do curso de Comunicação Social da Escola Profissional da Lousã, a cujos resultados foi dado o título "Santa ignorância".

Se os Caros Leitores não lerem essa expressiva prova de como vai a Cultura cá pela Lusitânia, vou aqui citar (com a devida vénia ao JC, ao jornalista Dinis Alves e aos moços e moças estudantes que o ajudaram) algumas das verdadeiras pérolas que eles descobriram nessas verdadeiras ostras que são alguns universitários a estudar em Coimbra.

No inquérito perguntava-se, aos estudantes de diversas faculdades, quais as profissões ou actividades de diversas personalidades. E os resultados foram um espantoso Oraspsmem:

Vieira da Silva foi identificada como escritora ou como actriz.

Stravinski foi promovido a filósofo ou a escultor.

O capitão Salgueiro Maia foi identificado como escritor e como toureiro.

Fernando Lopes Graça foi classificado como pintor.

Tolstoi seria um famoso jogador de futebol!

E Nikita Krustichev sofreu uma operação de mudança de sexo, para se transformar... numa ballarina!

Noutro plano, a cidade de Bogotá deixou de ser a capital da Colômbia para ser um missionário indiano...

Estes disparates dão, evidentemente, vontade de rir.

Ou não dão?

A muita gente, dão, talvez, vontade de chorar. Depende da sensibilidade de cada um.

Quem queira tirar daqui motivos para se divertir tem muito por onde escolher. Aliás, esta lista de asneiras, da autoria de estudantes lusitanos, não faz mais do que

SEU BURRO! NÃO SABE QUE "HOMENSA" SE ESCREVE SEM H!



imitar outras listas de outras asneiras, da autoria de estudantes de outras terras importantes, lá do Estrangeiro-de-Fora. Há livros publicados contendo saborosas colecções de burrices semelhantes, zurradas por burros de diversos países. Ainda há dias alguém me dizia que 80% dos norte-americanos não conseguem apontar, no mapa, onde fica o Canadá...

E também já tem barbas aquela piada, sem piada nenhuma, das informações turísticas que mal-informam da existência de um tal Portugal — com capital em Madrid...

Enfim, burros há em toda a parte, não são um exclusivo da nossa querida Lusitânia.

Só que... com os coices dos burros estrangeiros pouco me preocupou.

Mas já me preocupo com os dos burros nacionais!

Todas as pessoas que tenham, na vida, a tarefa de alinhar letras e palavras — seja a escrever importantes livros, seja a rabiscares simples cartas para os amigos — andam impressionadas com as calinadas que, a todo o

momento, aparecem na escrita de gente que tinha, naturalmente, a obrigação de escrever de forma escorreita.

Calinadas na escrita e calinadas na fala!

Que um analfabeto diga "póssamos", vá que não vá.

Agora que um universitário não saiba escrever uma frase, por mais curta que seja, sem cometer um ou mais erros de ortografia ou de concordância — é coisa com a qual não se pode concordar.

Não se trata de exigir que se escreva com a elegância de um Eça de Queirós ou com a imaginação de um Fernando Pessoa.

Trata-se de exigir que se escreva sem grandes asneiras e sem escocicantes burrices.

Mas, então, os alunos que frequentam as universidades são todos burros?

Os todos semianalfabetos? Esperemos que não. Toda a gente sabe que, para entrarem nessas Catedrais do Saber que são as Universidades Lusitanas, precisam de apresentar médias altíssimas, sob pena de baterem com os narizinhos nas respectivas portas. Ora, isso pressu-

põe uma soma muito grande de conhecimentos e uma cultura razoável.

Então, como é?

Só se a culpa é dos próprios Professores, que talvez não liguem ao assunto e deixam passar alunos que nunca lêem um livro, raramente abrem um jornal, não distinguem "Pik" Botha de Mendes Bota e afirmam que este último é o presidente da África do Sul!

A verdade é esta: no meio de tantos Professores cultíssimos e competentíssimos que existem nas escolas cá da terra, há algumas pérolas de incultura que deviam ir para a escola, todos os dias — não para subirem ao estrado da aula e fazerem de conta que ensinam coisas, mas para se sentarem humildemente na carteira e aprenderem o que não sabem!

Ora, se esses não sabem, como é que hão-de ensinar?

Há quem diga, por piada, que "aquele que não sabe fazer nada vai para professor".

Seria bom que isto continuasse a ser, apenas, uma piada... O pior é que, muitas vezes, parece que não é.

geral feito a jovens estudantes universitários

DOCTORES & ENGENHEIROS

Sabedoria com orelhas

Um teste de cultura geral provou a ignorância dos estudantes universitários de Coimbra

ROSA PEDROSO LIMA

NIKITA Krúshchov desambrou o Bolshoi como prima batarina. Na altura, George Washington, imortalizou a num dos seus mais conhecidos filmes, cujo guião foi escrito por Vieira da Silva. O então primeiro-ministro russo, Leon Tolstói, não perdeu a oportunidade e concedeu a uma bailarina. O mundo inteiro aplaudia a consagração. As homenagens ultrapassaram fronteiras russas e envolveram personalidades tão diversas como o Presidente da África do Sul, Mendes Bota, o líder americano Eisenstein, o dirigente chinês Piongliang e o grande missionário indiano, Bogotí.

Confusos? Pouco interessa. Esta é uma visão da história mundial resumida e adaptada por alguns estudantes universitários. Ao todo, foram com alunos do ensino superior escolhidos para responder a um pequeno teste. A ideia foi do «Jornal de Coimbra» e os resultados chegaram tudo e todos boques-bertos. Sem brincar, os alunos chumbaram rotundamente. A média das notas dificilmente ultrapassa os cinco valores. E isto apesar da facilidade do teste, que consistia apenas em reconhecer 20 personalidades históricas ou cidades do mundo.

Apesar de todas as ajudas, valeu tudo. Salgueiro Maia passou a toureiro, Victor Hugo chegou a dentista, Renoir enfrentou Yves Saint



Laurent no mundo do estilismo e até mesmo o periódico inglês «Daily Mirror» teve honras de figurar na lista das actrizes de cinema. Os erros de palmaria não escolheram cursos nem anos de escolaridade. Segundo os autores do inquérito, o painel de inquiridos incluía alunos do 1.º ao 6.º ano das várias faculdades de Coimbra. A média global dos resultados não passou dos 5,6, com uma ligeira vantagem das mulheres (5,1 contra 4,9 de respostas certas) e com um pequeno predomínio de Direito em relação aos restantes cursos. Assim, os candidatos a advogados conseguiram a nota máxima de 7,2 valores, contra os 6,8 obtidos por Farmácia e dos «mitérios» seis valores acu-

mulados por Letras e por Psicologia.

Professores confirmados

Nem os portugueses escaparam aos erros estudiantis. Vieira da Silva, apesar de homenageada este ano, continua a ser escritora para quadros e não actriz para outros dois. Vergílio Ferreira fica imortalizado como actor, João Cutileiro tem dentes para o teatro, para a moda ou para a escrita e Salgueiro Maia oscila entre general e um conhecido toureiro das Praças portuguesas.

O recorde dos disparates parece ser, no entanto, concedido ao ditador haitiano Jean Claude Duvalier. Foi es-

tilista para um aluno do 2.º ano de Engenharia Mecânica, famoso escritor para um seu colega finalista e actor francês para um candidato a advogado, actualmente no 3.º ano.

Conhecimentos televisivos

O espanto perante os resultados do inquérito não foi além da redacção do «Jornal de Coimbra», Pedro Dias, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, afirmou ao jornalista que «os resultados não constituem novidade para mim». E, mais ainda: «Do meu contacto diário com os alunos universitários conclui que não mais de dez por cento merecem estar na

universidade e, menos ainda, na de Coimbra». Para o docente universitário é hoje «raro» encontrar um aluno da faculdade «que passe os olhos por um jornal» e, com sorte, acha-se um «que lê um romance ou uma revista — mas esses são flores à beira de um pantano».

Por seu turno, Linhares de Castro, professor há 25 anos e responsável pela maior escola de Coimbra, vai mais longe. Para ele, a escola não dota hoje os jovens «de aptidão pela busca de informação complementar» e, por isso, os alunos «digerem apenas a que lhe é imposta, a que está ali à mão de sempre».

A importância da televisão na cultura estudantil não deixa margem para dúvidas. Numa última tentativa para melhorar a «performance» dos estudantes, o «Jornal de Coimbra» resolveu entregar aos inquiridos um novo teste, desta vez com nomes popularizados pelos «media» e com aparições periódicas nos ecrãs de televisão. Sylvester Stallone, Claudia Schiffer ou Benny Hill, substituíram os clássicos Tolstói ou John Ford. E dos «intelectuais» portugueses apenas sobreviveram os nomes de José Magalhães, Alexandra Lencastre, Deus Pinheiro, José Guimão e Mendes Bota.

A segunda prova foi imediatamente superada. As médias gerais passaram rapidamente dos cinco para os 16 valores. Os alunos demonstraram conhecer de cor a canilha.

À lada: reprodução do artigo da autoria de Rosa Pedroso Lima, publicado no «Expresso» de 17/12/94. Na página anterior reproduz-se o artigo de António Gomes de Almeida inserido no JN de 26/12/94

as batalhas dos socialistas, caso sejam governo em 95»

Pelos vistos, não contará com o contributo de Magalhães, que prefere fazer de avestruz, mascarando a incomodidade que o nosso trabalho e as repercussões nacionais do mesmo tiveram, mascarando-a com uma resposta violenta que nos leva a dar razão a Virgílio Caseiro, quando nos disse que «a falta de conhecimentos é mascarada hoje com um discurso violento dos jovens».

Pensámos duas vezes se deveríamos responder a este depoimento muito bem escrito por Tiago Magalhães. E encerramos, dizendo porquê.

O presidente da AAC foi por nós lembrado como uma das personalidades que deveríamos chamar a comentar tal trabalho. Mas não estava em casa, à primeira, à segunda não nos facultaram o seu telefone directo. O artigo saiu, e na semana seguinte conseguimos então chegar à fala com Magalhães, a quem solicitámos comentário. Podia ser mesmo pelo telefone. Mas o moço engatou na afirmação de que o trabalho não era sério e não saía dali. E nós atrapalhados perante a eventualidade de um comentário só com três palavras: «Não é sério!»

Fomos tentando saber porquê, Magalhães não avançava, até que referiu o nome de Santana Maia; nome que naturalmente muitos dos inquiridos desconheciam, por ser uma personalidade de Coimbra. Como se presidir à Ordem dos Médicos portuguesa não desse relevância à personalidade em causa, só por ser de Coimbra. Só que o gato não estava aqui. Santana Maia, pura e simplesmente, não fazia parte do legado de nomes propostos aos estudantes que responderam ao inquérito.

E foi aí que lhe perguntámos se tinha efectivamente lido o artigo. Querem saber a resposta? Ei-la:

«Só li os títulos!»

Pois bem, este senhor prestava-se a comentar uma coisa que não tinha lido! Pelo que, para nós, a idoneidade intelectual do presidente da AAC há-de aparecer sempre manchada por este triste mas revelador episódio.

Pelo que, tendo lido com a máxima atenção o teor do seu comentário, permito-me duvidar ainda que Tiago Magalhães tenha na verdade lido o artigo por nós publicado. E, a ter sido assim, saber se o comentário saiu da sua pena. O próprio estudante deixa a dúvida a pairar, dado que recebemos não ter merecido qualquer assinatura, apenas o timbre da Direcção Geral da AAC.

Dinis Alves

A posição de Tiago Magalhães (Presidente da AAC)

O Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Tiago Magalhães, a quem havíamos solicitado um comentário sobre o inquérito efectuado junto de estudantes universitários, remeteu-nos, via fax, a seguinte posição:

«O «Jornal de Coimbra» publicou no passado dia 7 de Dezembro as conclusões retiradas de um inquérito realizado aos estudantes da Universidade de Coimbra, através do qual se pretendia determinar o nível cultural da respectiva comunidade. Quando o mundo da ciência e do pensamento é hoje unânime na condenação dos métodos positivistas e veemente na recusa de um saber feito de nomes e de figuras, é no mínimo estranha a pretensão de diagnosticar o nível cultural dos estudantes universitários através de um inquérito como o realizado. Não que não fosse possível fazê-lo assim. É. Mas não para extrair dele as conclusões que se publicaram aqui.

É verdade que se pode detectar algum défice informativo e cultural na sociedade portuguesa. É

verdade também que à Universidade cabe a um papel fundamental que deve ser plenamente assumido e concretizado por todos quantos nela diariamente intervêm. Agora, que se presume ser possível aferir, avaliar e analisar tal défice através de um inquérito como o realizado, é difícil de aceitar. Desde logo pela duvidosa cientificidade dos métodos utilizados, absolutamente comprometedora da fidelidade dos resultados obtidos e definitivamente inviabilizadora da verdade das conclusões que foram feitas neste jornal. Tanto mais quando tais conclusões foram ilustradas com a mais absurda das respostas dadas, devidamente enfatizada para o efeito pretendido. E, mais grave, quando serviu tudo isso para construir rótulos diminuidores que, sem qualquer hesitação, se generalizaram a toda a camada universitária. Rótulos, aliás, curiosamente atribuídos quando o conhecimento e a perspicácia dos estudantes que responderam ao inquérito conseguem superar o dos jornalistas que o aumentaram. Veja-se o Victor Hugo, dentista, jogador de hóquei em patins do Futebol Clube do Porto. Ignorantes, disseram eles?»

A resposta de Dinis Alves

Tenho um amigo meu que é burro, dos genuínos, assumido. Contou-me ele há dias que no mundo dos burros também há classes sociais. Há os assumidos, como ele, burros despretenciosos. Há os que se envergonham da condição, chamados de jericos. E há os que, sendo burros, dão-se ares doutorais, enterram a cabeça na areia, não perdendo oportunidade de chamar burros aos outros. São os

jumentos.

Lembrei-me desta história a propósito desta carta, muito bem escrita por Tiago Magalhães, o mesmo que em Novembro, aquando da apresentação do Fórum Pedagógico 94/95 afirmou ser «patente a crise profunda e grave experimentada por esta Universidade (a de Coimbra)».

Pois bem, a crise só toca, afinal de contas, aos

professores e funcionários. Quanto aos estudantes, aí, exercício do cargo «oblige», tudo se deve branquear na névoa de «algum défice informativo e cultural da sociedade portuguesa».

Se o presidente da AAC tivesse lido a reportagem que assinámos, teria reparado que não se faz ali defesa do método, positivista ou não. Que não abrimos guichet para atestar da burrice de ninguém. Questionámos o próprio conceito de cultura geral, como se teria percebido se tivesse lido o comentário do Dr. Virgílio Caseiro.

O que Tiago Magalhães não pode ignorar é que não inquirimos cem «aliens», mas sim cem estudantes que frequentam a Universidade de Coimbra. E que produziram as respostas que demos à estampa, por mais que tal doa ao estudante que preside à AAC.

Não é sequer da pena do jornalista, mas do Professor Doutor Pedro Dias, a afirmação de que «só 10% dos alunos deveriam frequentar a Universidade».

Não é da pena do jornalista a afirmação de que «a escola está desfasada da realidade», mas sim do presidente do Conselho Directivo de um estabelecimento de ensino secundário de Coimbra, Linhares de Castro, homem que desde sempre se tem preocupado em pensar a educação que temos.

Se tivesse lido o artigo, verificaria que também se questiona ali o papel dos próprios professores. Eduardo Sá refere-se ao assunto, e Linhares de Castro até se lembrou de um professor de português que não sabia distinguir um substantivo de um adjetivo.

Quisemos pôr apenas o dedo na ferida. A outros competirá reflectir sobre ela, decidindo se há algo ou não fazer. O Secretário Geral do partido a que Magalhães pertence, parece já ter reflectido, quando, em entrevista recente, colocou a educação como a mãe de todas

TELEMÓVEIS
(REDE GSM)

**BOSCH
MOTOROLA
NOKIA
SIEMENS
ERICSSON**

VENDA, MONTAGEM COM ANTENA E CARTÃO, DESDE 100.000 + IVA

AGENTE **TELECEL**
COMUNICAÇÕES PESSOAIS, S.A.

RUNKEL & ANDRADE

AINDA A PROPÓSITO DAS RESPOSTAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS A INQUÉRITO FEITO PELO JC

Analfabetismo e Analfabetismo(s)

As novas realidades sociais, económicas e culturais vieram relativizar o conceito de analfabetismo.

A crise económica dos países industrializados, trouxe para a ribalta o conceito de "analfabetismo funcional" que se transformou num *handicap* selectivo e factor marginalizante de muitos cidadãos da Comunidade Europeia.

O sintoma funcionalista desse analfabetismo é ainda hoje difícil de contextualizar.

Como afirma Ursula Giere, tratar-se-á de uma "capacidade complexa, interdisciplinar e, relativista, ilimitada não só em função da vida e das aspirações do indivíduo, como em função das possíveis adaptações à mudança e ao meio."

Passamos, pois, nos dias de hoje, a falar a linguagem dos vários alfabetismos e jamais de alfabetismo no singular.

A ambiguidade do conceito de analfabetismo só desaparece no seu limite radical; se falarmos de analfabetismo funcional, os limites científicos esvaem-se, assim como se esvaem as suas definições, as suas percepções e as suas representações correntes que são antes de tudo sociais.

Há dez anos, seria inconcebível aplicar o atributo de analfabeto a "um quarto da população do Canadá". As coisas mudaram, mesmo as palavras e os números. O conceito foi vulgarizado. O argumento conservador que consistia "em afirmar que todo o mundo ou quase todo teve a chance de ir à escola e que por consequência os analfabetos hoje reduzem-se a todos os de má sina, doentes, débeis deficientes, velhos, subescolarizados, excluídos, emigrantes, esboraos."

O estereótipo de analfabeto, como lhe chama Paul Hauteccœur, "o tal curioso indivíduo perdido na aldeia que sabe apenas assinar o seu nome, um híbrido de idiota, de camponês, de deficiente, miserável, estrangeiro imbecil, caiu por terra."

O analfabetismo hoje é como a folia, tem a definição que a sociedade lhe atribuir face aos condicionamentos existentes e às mudanças vertiginosas que as pessoas vivem.

Actualmente na América e cada vez mais na Europa, no dizer do já citado Paul Hauteccœur, um prestigiado Ministro da Educação, "ouve-se dizer que em cada três habitantes um é analfabeto, o que me faz crer que o analfabetismo é também uma invenção das classes escolarizadas que lutam permanentemente pela oferta de formação e pela (re)escolarização, um serviço desejável como meio de promoção individual."

Como diz Fie Van Dijk, "alfabetismo e analfabetismo, definem-se de várias maneiras e tudo depende da forma como se concebem a leitura e a escrita e os interesses de cada um (governo, sociedade, intelectuais, multinacionais)."

No dizer de Baudelot e Establet, "o analfabetismo é um código imposto."

Tudo isto se pode considerar polémico e sujeito às mais diversificadas abordagens e contextualizações teóricas. No entanto, o analfabetismo funcional é hoje, oficialmente, reconhecido nos países industrializados.

É notável a rapidez com que uma questão ignorada por muitos dos países há apenas vinte anos, se tornou num dos graves problemas dessas sociedades nos preâmbulos do século XXI. Não há dúvida que "depois das políticas de pleno

emprego do após guerra e do *laissez-faire* dos anos 80", a década de 90 é de preocupação.

O desenvolvimento económico multiplicou, nos diversos países, grandes espaços de pobreza. Gerou-se em muitos cidadãos uma consciência ingénua que não é capaz de suportar as mudanças históricas e também uma consciência submissa a uma realidade que não percebem. Eis a nova clientela da *nova alfabetização* que afecta sectores não negligenciáveis, inclusive o universitário.

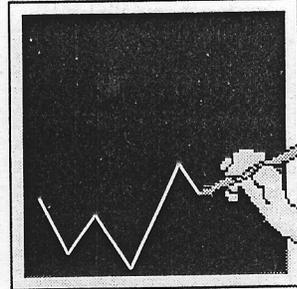
As elites do(s) saberes em Portugal vêm-se confrontadas com o *novo analfabetismo*. Por muito que lhes custe têm-no dentro de portas, nas Universidades.

O inquérito do "Jornal de Coimbra" levantou o véu.

Portugal, ainda a braços com um analfabetismo literal de 12%, convive, pacificamente, com a generalização de novos tipos de analfabetismo(s).

As políticas educativas oferecidas aos jovens (jovens-adultos e adultos-jovens) e aos adultos vêm percorrendo sinuosos caminhos e posturas duvidosas que balancam entre visões idílicas e pragmatismos mitigados. Inviabiliza-se a convergência de educações paralelas; a Educação Permanente vive a vida de um mito; a Educação de Adultos é ainda um quase sistema e um prin-

cípio ainda em oficina. Quando forem publicados os resultados da primeira investigação (que



está a ser realizada em Portugal) sobre os *novos(s) analfabetismo(s)*, talvez se achem razões (e não se achem tão estranhas) para a perda(s) da(s) memória(s) cultural(s) dos estudantes universitários da Universidade de Coimbra (e também para as respostas que deram no inquérito).

O *novo alfabetizado* poderá ser todo aquele que conhece o "b-a-bá" dos vários saberes, o que equivale a dizer que ser alfabetizado, é estar iniciado em múltiplos códigos: científico, tecnológico, cultural, etc.etc?

Portugal novamente um país de analfabetos? É o nosso fatalismo histórico?

António Inácio Correia Nogueira
(Professor e Dirigente Associativo)

ANDARILHANÇAS

"Marco Polo"

Quando, há cerca de três meses, falei, com justificado entusiasmo, do Parque Natural de Montezinho, não calculava que em breve teria oportunidade de trazer até aqui um outro Parque igualmente inesquecível: o planalto barrosão ou, como era conhecida na Idade Média, a Terra de Barroso.

Vasculhando nos compartimentos da memória, infelizmente e por vezes já com pouco préstimo, encontrei ainda notícia sobre o vastíssimo planalto que se enquadra no Maciço Galaico, do qual fazem parte, entre outras, as serras de Larouco, Barroso, Cabreira, Gerês, Padrela e Alturas.

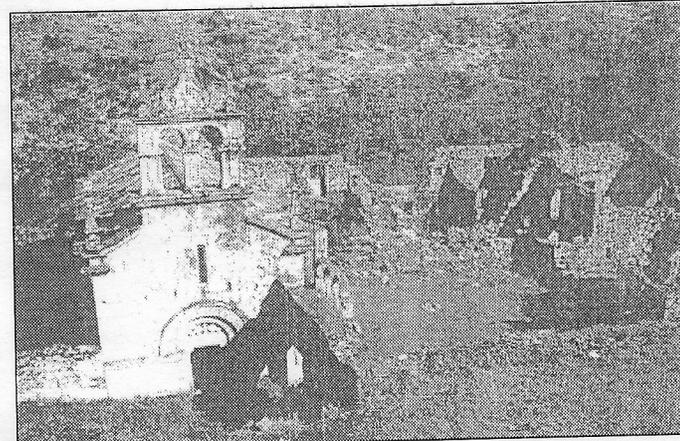
Um fim de semana deste Inverno que se vai mantendo brando, partimos com a sede habitual de descoberta que caracteriza a minha gente. Instalámo-nos numa casa pré-fabricada, mesmo junto à barragem de Paradelá, pertença de amiga e hospiteira família, que, com a chave, nos deu a oportunidade de gozar uma paz como vai sendo difícil encontrar.

A poente do Planalto ergue-se a serra do Gerês com os 1434 metros de altitude, que a tornam uma das três mais altas do país, de certo modo preservada pelo seu estatuto de parque natural. Aí é um dos paraísos de Portugal!

E depois o Barroso propriamente dito, de que velhos canchinhos relatam a autenticidade e o primitivismo: "No fundo dos vales, na aba das encostas, nas dobras dos cerros, quase sempre ao abrigo das ventanias impiedosas, assentam as povoações com o casario unido e aconchegado". Ora o milagre é que, anos e anos passados, esta descrição ainda assenta como luva a umas poucas povoações do Barroso que visitei e desde logo entrou no meu livro de coisas que valem a pena. As habitações construídas em granito e por vezes cobertas de colmo ou palha centeia, são casas de um povo predominantemente dedicado à pastorícia, numa terra de urzes e restolho, madrastra para a agricultura, onde termina o carvalho robe e começa o carvalho negral acompanhado de

sobreiro e por vezes de castanheiro, e na qual a vida tem ainda um ritmo de tempos idos.

A barragem, companheira de tantas outras semeadas pela região (Salamonde, Venda Nova, Rabagão, sem falar das mais distantes Caniçadas ou Guilhofrei) é, ao que informaram, a única do país cuja elevada parede (110 m de altura) é

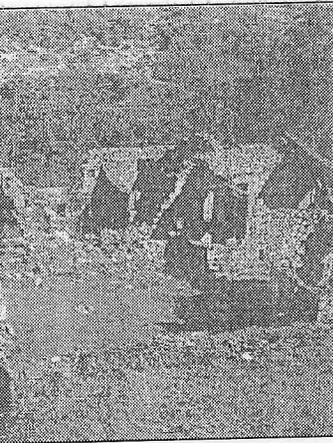


Santa Maria das Júnias

totalmente construída em enormes blocos de pedra. A albufeira, azul e calma e na qual está interdita a navegação a veículos motorizados, constitui-se um lago de sonho onde se espelham árvores e nuvens. Das janelas do "chalet" gracioso capta-se perfeitamente todo o seu encanto. De sonho, mesmo para quem os anos e os desgostos foram quebrando a capacidade e a vontade de sonhar...

Ali bem perto, para além da várzea verde há muito mais que admirar: Pitões das Júnias, por exemplo. Escondida em plena montanha, num aconchegado vale da serra da Mourela, a

antiquíssima freguesia, hoje já quase desabitada, teve em tempos importante abadia do convento de Osseira na Galiza. Os monges desse convento mandavam, de três em três anos, alguns dos seus membros para parauquir a freguesia que, num entendimento de assinalar, pertencia à diocese de Braga. (Tal entendimento seria rompido, conta a



tradição, apenas durante as Guerras da Restauração, já no século XVII, quando, por razões óbvias, o abade galego do convento de Júnias foi expulso).

O que resta do mosteiro e da igreja de Santa Maria das Júnias, com o seu formoso pórtico românico e onde ainda hoje se celebra missa, situados lá no fundo, permitem ao visitante ter uma visão de conjunto do que terá sido o complexo religioso.

Ali perto também, uma bela queda de água — a cascata de Júnias. Não muito longe, a sede do

concelho, a vila de Montalegre. E para falar dessa povoação, socorro-me de um texto que me pareceu particularmente adequado: "Entre tantos montes severos, seguramente muitos séculos antes das legiões romanas terem chegado a estas serranias do Larouco e do Barroso, algum povo pastor e guerreiro teve o bom gosto e a inteligência bastantes para eleger este alegre monte e aqui fazer morada. O nome de Montalegre é apropriado e feliz; a vila actual sabe corresponder-lhe, causando uma imediata impressão de alegria de viver, bem disposta que está de ânimos e de implantação".

Como muitas outras vezes me tem acontecido, o entusiasmo em transmitir as minhas impressões extravasou do espaço de que disponho. Por isso, no caso presente, terei de pôr ponto final numa desejada descrição de Montalegre para poder ainda dar, nas poucas linhas que me restam, a justificação do meu título de hoje. Espanto dos espantos!... Na povoação perdida lá no cimo de Portugal e carregada de tradição, assistimos a uma insólita passagem de modelos belíssimos. Partindo do têxtil tradicional da região, aproveitando as qualidades de adaptação ao meio dos trajes desenvolvidas durante séculos e a relativa abundância de matérias-primas (lã, linho, burel, estopa e tomentos) e inspirando-se nos rudes agasalhos dos pastores (capucha, crossa e piúcas) uma senhora belga, casada com um médico português, criou uma moda bela e apetecida: a MODABARR — tecido barrosão que alia o tradicional e a vanguarda e é hoje apresentada e procurada em vários pontos do país e do estrangeiro. Como se afirma num folheto de apresentação:

"Saberes antigos de uma região esquecida, esta iniciativa nasce dessa estranha ligação entre o passado e o futuro, o tradicional e o moderno, criando uma linha de moda com ligação à terra e ao vasto património da cultura têxtil local".

Aconselho irem ver, porque só mesmo vendo!

"A IGNORÂNCIA DA JUVENTUDE (UNIVERSITÁRIA) É UM ESPANTO"?

Um inquérito à ciência e a ciência de um inquérito

Severo de Melo *

O inquérito sobre a cultura geral dos estudantes universitários desta cidade, promovido por este jornal, utilizou uma amostragem de 100 alunos oriundos de todas as faculdades. É pois uma sondagem representativa.

Não obedeceu o inquérito a normas científicas actualizadas? Não deveria o inquiridor ter recorrido a especialistas? A temática oferecida não foi a mais conveniente?

Certamente que sim.

Mas o facto de determinado acto não revestir a cientificidade eventualmente recomendável invalidará a realidade material do resultado produzido?

Certamente que não.

Como recusar a validade culturalmente significativa de respostas que promovem o "General" Eisenstein a Presidente dos E.U.A.N. e John Ford a magnate da homónima indústria automóvel; que abatem aos efectivos da cavalaria o mais conhecido Capitão de Abril, Salgueiro Maia, e talvez por pensarem triste o heróico militar por já não haver cavalos em Cavalaria — transferem-no para a tauromaquia, onde já os há; que fazem dançar o obeso e proletariamente desajeitado Nikita Krustchev transexuado em inefável bailarina; que colocam à frente do governo russo o compositor Stravinski; que transubstanciam Bogotá (capital da Colômbia) em estranho missionário indiano?

O arcaísmo escolar enciclopédico de que o inquérito poderá enfermar, legitimará, porém, a recusa da validade das respostas obtidas, como pretende Tiago Magalhães, Presidente da A.A.C. (J.C., 14-01-95).

(Se a maceira do quintal não foi tratada técnico-cientificamente recusar-se-ão as maçãs comestíveis que ela produziu?)

Poderá, talvez, recusar-se a pretensão de o inquérito querer medir uma área total (a cultura geral) utilizando uma medida não total (personalidades do século XX). É certo que as personalidades apresentadas abrangiam a maioria das áreas culturais. Mas o conhecimento dessas áreas poderá ser eficazmente testado pelo conhecimento exclusivo de personalidades representativas? O desconhecimento destas implica o desconhecimento daquelas?

Se o inquérito não estará de acordo com normas técnico-científicas ele estará, certamente, de acordo com a mentalidade "cultural" dominante, onde o colectivo, o geral, o abrangente deixaram de existir e a dinâmica social é interpretada/protagonizada já não pelo legítimo porta-voz grupal, mas pelo bater-à-porta da omnisciente voz individual.

O Governo é Cavaco Silva e a Oposição é António Guterres; o Partido Comunista era Álvaro Cunhal como agora é Carvalhas e o C.D.S. é Manuel Monteiro e Narana Coissoró; a Intersindical é Carvalho da Silva e a U.G.T. é Torres Couto; o Sporting é Sousa Cintra e o Futebol Clube do Porto é Jorge Nuno Pinto da Costa; o Humor nacional-poreirista é Herman José há mais de uma consecutiva década e a História é José Hermano há mais de duas; a R.T.P. em toda a metade oriental do planeta é o omnipotente Carlos Fino e a omnisciência lusitana é António Barreto ou Pacheco Pereira, como a ubiquidade é Valentim Loureiro.

A CULTURA DA JUVENTUDE E A JUVENTUDE DA CULTURA

Será especialmente crítico o fenómeno da incultura estudantil universitária?

O Prof. Pedro Dias contabiliza em 10% os estudantes universitários de Coimbra culturalmente empenhados. Mas acrescenta: "O fenómeno da incultura dos universitários tem sido muito estudado e não parece reversível." (J.C., 7-12-94)

É, curiosamente, na primeira potência mundial, os E.U.A.N., que se verifica a maior taxa de "analfabetismo" universitário, logo seguida de uma das pátrias culturais, a França. E, antes de Portugal, vêm ainda a Itália e a Espanha.

E o mesmo Professor denuncia a responsabilidade directa da própria Universidade pela frivolidade comportamental estudantil.

A catedral do saber "dá aos seus estudantes todos os meios para se distraírem em vez de trabalhar e os seus equipamentos culturais são usados para outros fins". (id., id.)

Como é o caso-paradigma do Centro (chamado) Cultural D. Dinis "onde, todas as noites, correm rios de cerveja e não torrentes de saber". (id., id.)

Estamos perante a clássica questão da boémia coimbrã, ela própria integrante da "cultura" estudantil universitária. Mas não poderia/deveria o antagonismo dualista entre copo e cultura converter-se na síntese transformadora que superasse a síntese redutora da "cultura" do copo? Não que a boémia estudantil fosse professoral espaço de sala de aula, mas que fosse espontâneo tempo de aula sem sala.

Como acontece com a cultura extra-escolar das secções culturais e dos organismos autónomos da Associação Académica. Aqui se praticam o teatro, o cinema, a fotografia, o xadrez, a música, o canto, a rádio. Talvez apenas pelos tais "dez por cento" de que fala o Prof. Pedro Dias.

Mesmo estes, porém, não estão livres de pontuais "calinadas" clamorosas de igual teor às verificadas com o inquérito em referência.

Não sei se as "Repúblicas" de Coimbra mantêm o hábito do registo escrito das "bacoradas" explicadas pela mais douta boca dos seus residentes. Tais cataclismos culturais de ocasião não ofuscarão, certamente, a sólida cultura de muitos dos seus autores.

Cito de cor, ao correr da memória, Anos Sessenta. República dos Pyn-Guyns. Aquele colega que fora "mordido por um cão que era cadela"; o outro que nasceria numa terra que tinha "uma capela do tempo da Pedra Lascada"; aquele outro que garantia que "em Coimbra o sol põe-se mais ao Sul do que em Viseu"; estoutro que incluía o hipopótamo na "família dos batráquios"; aquele que assegurava "ser a baleia um mamífero, só com a diferença de que põe ovos, como os peixes"; mais o outro que chamava "Fisionomia Humana" à respectiva Cadeira de Medicina; e (claro...) o inevitável caloiro que — mobilizado para as comemorações da Tomada da Bastilha — não se conteve que não berrasse: "Porra, doutores! Isto é demais, merda p'rá praxe! Então os desgraçados dos caloiros também são obrigados a tomar a pomada da pastilha?!"

Episódios como estes e como os do inquérito penso deverem ser encarados como aquilo que são: anedotas circunstanciais não apocalípticas.

Efectivamente, que diferença fará a um futuro professor, a um futuro jurista, a um futuro médico, a um futuro engenheiro, a um futuro psicólogo, a um futuro economista o não saber a capital da Colômbia, as produções vegetais da China ou os rios da Patagónia?

Já fará alguma diferença que um professor de Geografia confunda a capital da Colômbia com um missionário indiano; que um professor de Português não saiba a elementaridade gramatical da distinção entre um substantivo e um adjetivo, como refere Linhares de Castro (J.C., 7-12-94); que uma professora de Educação Musical, a quem coloquei uma questão sobre Lopes-Graça (falecido na véspera) me tivesse, sintomaticamente, começado por responder: "Quem?"

Mas fará alguma diferença que o poeta popular António Aleixo escrevesse "coádra" por "quadra"?

Muito bem: mas estamos a falar da juventude universitária...

Certo: mas é só no seio da juventude universitária que "são sempre os mesmos mil ou mil e quinhentos estudantes" que estão em todas as manifestações culturais e que "os outros dezasseis mil é que são a norma e, onde não há cerveja, não entram" (Prof. Pedro Dias, id., id.).

O depoimento do Maestro Virgílio Caseiro, penso que responde cabalmente à questão: "(...) no fundo é toda uma contradição fruto das opções que o povo português vai tomando de quatro em

quatro anos."

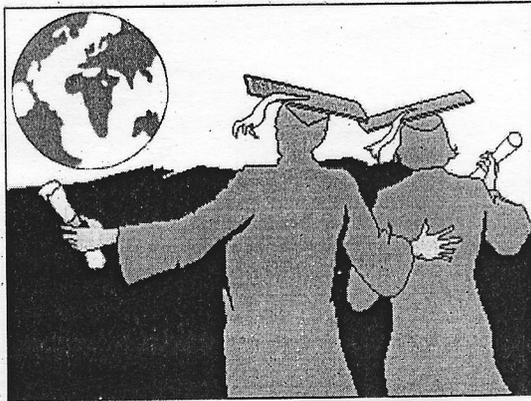
Tal como os adultos, também os jovens universitários — futuros quadros técnicos — "escolhem o mercantilismo do P.S.D. para os governar, mas já preferem um sistema socialista ou socializante para a educação e para a saúde. De quatro em quatro anos optam por um modelo competitivo delapidador. Depois deixam-se (...)" (J.C., 7-12-94)

SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO, NÃO! SERVIÇO ESCOLAR OBRIGATÓRIO, SIM?

A Escola autodesenvolveu a sua própria mitologia/mitografia, na egrença da bondade natural do saber e da virtude cultural do ensino.

É assim pressuposto que a formação escolar apetrecha civicamente o cidadão diplomado com a aparelhagem mental capaz de um protagonismo social crítico.

Sem colocar em questão as possibilidades formativas da cultura escolar (sou professor por



opção/convicção) coloco, porém, em questão que a Escola forneça uma cultura geral activa, fundadora de uma postura cívica consequente.

Assistimos por aí ao paradoxo de uma cultura escolar contraditoriamente transubstanciada em "cultura" futebolista — telenovela — sexualícia. E seria, então, pressuposto que a Escola tivesse imunizado os cidadãos com a terapia necessária para uma saúde cultural suficiente; que lhes tivesse iluminado o espírito contra a alienação consumista; que a escola democrática tivesse superado o obscurantismo fascista-clericalista do "Estado Novo" (insisto no termo "fascista").

No entanto, é o que se vê...

Quais as razões do desajuste?

Começo por afirmar que não é a "educação", mas a instrução que se ministra na Escola. Quero dizer que a natureza do processo ensino/aprendizagem se reveste de carácter militarizado.

Não estou a dizer a situação concreta do Ensino em Portugal. Estou a dizer que toda e qualquer escola de massas é um local militarizado, seja qual for a natureza política do Estado.

Estou a pensar na irrenunciável orgânica das turmas, com alunos-recrutas numerados e formados nas respectivas fileiras das salas de aula; nos toques que marcam o ritmo horário da instrução lectiva; na arquitectura militar das construções escolares, sejam eles os antigos edifícios ou os actuais pavilhões; na voz de comando do professor, seja ele autoritário, democrático ou permissivo.

Poderá objectar-se que os adultos guardam a saude do seu tempo de escola. É verdade. Tal como é verdade que a guardam do seu tempo de tropa. Mas é a escola o quartel que vitalizam essa saude?

De que falam os antigos alunos e os antigos militares? De História, Matemática, Trabalhos Manuais? De Tática, Tiro, Metralhadoras? Não recordam substancialmente/exclusivamente aquilo que nada tem a ver com a escola ou o quartel: o viço da idade?

Antes de prestar o serviço militar obrigatório tem a juventude que prestar o serviço escolar

obrigatório.

Entende-se que a Pátria e à sua Defesa (não há Ministérios do Ataque...) se deve consagrar, se necessário for, o supremo sacrifício da vida, decretando-se a obrigatoriedade do Serviço militar. Entende-se que a Pátria e à sua Defesa cultural se deve sacrificar a vida da infância e da adolescência, decretando-se a obrigatoriedade do serviço escolar.

O serviço militar decorre, assim, na sequência "natural" do serviço escolar, ambos constituintes da mesma função patriótica, "numa mão a espada, na outra a pena".

O serviço escolar obrigatório é, porém, mais violento que o seu congénere militar.

Tem este sobre aquele três vantagens: a contestação crescente à sua existência; a possibilidade da objecção de consciência; a possibilidade de declaração médica de inaptidão militar.

O serviço escolar obrigatório é totalitário, porque não admite qualquer objecção, qualquer contestação, qualquer excepção.

Antes de prosseguir, convém esclarecer que não estou insinuando qualquer tipo de solução salazarista, pela redução da obrigatoriedade escolar aos três anos necessários ao saber-ler-escrever-e-contar. Não se trata aqui de uma questão formal quantitativa — a de saber se são salazaristamente mais correctos três anos de serviço escolar obrigatório ou europeístamente 9, 10, 11 ou 12 anos. Trata-se, radicalmente, de uma questão substancial qualitativa — a de saber se é democraticamente aceitável a imposição da cultura por via administrativa.

O Ensino é um bem que a Sociedade não pode dispensar. A Defesa é um bem que a Sociedade não pode dispensar. Os restantes departamentos do Estado são bens que a sociedade não pode dispensar. Por que razão lógica entendível apenas se decreta o serviço obrigatório escolar e militar e estes não são extensíveis aos Transportes e Comunicações, às Obras Públicas, às Finanças, à Indústria, à Agricultura, ao Comércio, às Pescas? Ou, dito de outra forma: por que razão se não confere aos cidadãos jovens a mesma liberdade opcional profissional conferida aos cidadãos adultos? Aceitemos, porém (por hipótese de trabalho que o ensino escolar detém uma bondade cultural específica e nobilitante. Seguir-se-á, logicamente, que um mínimo elementar de justiça social recomende constitucionalmente a obrigatoriedade, a universalidade e a gratuidade da "educação" infanto-juvenil.

Então, das duas, uma:

— Ou a Escola será efectivamente um espaço/ tempo de Cultura e, então um mínimo elementar de sensibilidade cultural não poderá aceitar a cultura decretada por via administrativa.

— Ou a Escola não será efectivamente um espaço/tempo de Cultura e, então, um mínimo elementar de bom senso não pode aceitar a ignorância decretada por via administrativa.

Abolida a obrigatoriedade do serviço escolar, qual o destino cultural das massas não escolarizadas? Como "preparar os jovens para a vida"? Como determinar o acesso socio-profissional a não ser através do sucesso/insucesso escolar?

Estas e muitas outras questões se levantariam. Não me compete dar-lhes as respostas acabadas, na medida em que penso que o pensar não obriga o pensamento a engendrar as soluções definitivamente adquiridas. Antes é sua primordial função levantar as questões, estabelecer a polémica, promover o diálogo.

Resta-me confirmar a minha convicção de que o serviço escolar obrigatório é causa primacial de ignorância.

* Professor do Ensino Secundário

VOZES DE BURRO

Antônio
Gomes
de Almeida

Colaborador

Acreditam ou não, aqui há dias, uma certa pessoa perguntou-me se eu sabia como se escreve "assessor": "É assim, com dois cês cedilhados ("açeçor"), ou só com um cê cedilhado e um êsse ("açesor)"?.

Acreditam ou não, a pessoa que me fez tal pergunta tem formação universitária...

Veio-me este episódio à memória e à ponta da caneta — que é como quem diz, à tecla do computador — porque, por coincidência, encontrei, recentemente, no "Jornal de Coimbra", uma peça muito curiosa: um inquérito, conduzido por um jornalista e efectuado por alunos do curso de Comunicação Social da Escola Profissional da Lousã, a cujos resultados foi dado o título "Santa ignorância!".

Se os Caros Leitores não lerem essa expressiva prova de como vai a Cultura cá pela Lusitânia, vou aqui citá-la (com a devida vénia ao JC, ao jornalista Dinis Alves e aos moços e moças estudantes que o ajudaram) algumas das verdadeira pérolas que eles descobriam nessas verdadeiras ostras que são alguns universitários a estudar em Coimbra.

No inquérito perguntava-se, aos estudantes de diversas faculdades, quais as profissões ou actividades de diversas personalidades. E os resultados foram um espanto! Ora pasmem:

Vieira da Silva foi identificada como escritora ou como actriz.

Stravinski foi promovido a filósofo ou a escultor.

O capitão **Salgueiro Maia** foi identificado como escritor e como toureiro.

Fernando Lopes Graça foi classificado como pintor.

Tolstói seria um famoso jogador de futebol!

E **Nikita Krustchev** sofreu uma operação de mudança de sexo, para se transformar... numa bailarina!

Noutro plano, a cidade de **Bogotá** deixou de ser a capital da Colômbia para ser um missionário indiano...

Estes disparates dão, evidentemente, vontade de rir.

Ou não dão?

A muita gente, dão, talvez, vontade de chorar. Depende da sensibilidade de cada um.

Quem queira tirar daqui motivos para se divertir tem muito por onde escolher. Aliás, esta lista de asneiras, da autoria de estudantes lusitanos, não faz mais do que

SEU BURRO! NÃO SABE
QUE "HOMESSA" SE ESCRIVE
SEM H!...



imitar outras listas de outras asneiras, da autoria de estudantes de outras terras importantes, lá do Estrangeiro-de-Fora. Há livros publicados contendo saborosas colecções de burrices semelhantes, zurradas por burros de diversos países. Ainda há dias alguém me dizia que 80% dos norte-americanos não conseguem apontar, no mapa, onde fica o Canadá...

E também já tem barbas aquela piada, sem piada nenhuma, das informações turísticas que mal-informam da existência de um tal Portugal — com capital em Madrid...

Enfim, burros há em toda a parte, não são um exclusivo da nossa querida Lusitânia.

Só que... com os coices dos burros estrangeiros pouco me preocupou eu.

Mas já me preocupo com os dos burros nacionais!

Todas as pessoas que tenham, na vida, a tarefa de alinhar letras e palavras — seja a escrever importantíssimos livros, seja a rabisar simples cartas para os amigos — andam impressionadas com as calinadas que, a todo o

momento, aparecem na escrita de gente que tinha, naturalmente, a obrigação de escrever de forma escorerita.

Calinadas na escrita e calinadas na fala!

Que um analfabeto diga "póssamos", vá que não vá.

Agora que um universitário não saiba escrever uma frase, por mais curta que seja, sem cometer um ou mais erros de ortografia ou de concordância — é coisa com a qual não se pode concordar.

Não se trata de exigir que se escreva com a elegância de um Eça de Queirós ou com a imaginação de um Fernando Pessoa.

Trata-se de exigir que se escreva sem grandes asneiras e sem escoiceantes burrices.

Mas, então, os alunos que frequentam as universidades são todos burros? Ou todos semianalfabetos? Esperemos que não. Toda a gente sabe que, para entrarem nessas Catedrais do Saber que são as Universidades Lusitanas, precisam de apresentar médias altíssimas, sob pena de baterem com os narzinhos nas respectivas portas. Ora, isso pressu-

põe uma soma muito grande de conhecimentos e uma cultura razoável.

Então, como é?

Só se a culpa é dos próprios Professores, que talvez não liguem ao assunto e deixam passar alunos que nunca lêem um livro, raramente abrem um jornal, não distinguem "Pik" Botha de Mendes Bota e afirmam que este último é o presidente da África do Sul!

A verdade é esta: no meio de tantos Professores cultíssimos e competentíssimos que existem nas escolas cá da terra, há algumas pérolas de incultura que deviam ir para a escola, todos os dias — não para subirem ao estrado da aula e fazerem de conta que ensinam coisas, mas para se sentarem humildemente na carteira e aprenderem o que não sabem!

Ora, se esses não sabem, como é que há-de ensinar?

Há quem diga, por piada, que "aquele que não sabe fazer nada vai para professor".

Seria bom que isto continuasse a ser, apenas, uma piada...

O pior é que, muitas vezes, parece que não é.

Sabedoria com orelhas

Nikita Krustchov deslumbrou o Bolchoi como *prima ballerina*. Na altura, George Washington imortalizou-a num dos seus filmes, cujo guião foi escrito por Vieira da Silva. O então primeiro-ministro russo, Leon Tolstoi, não perdeu a oportunidade e condecorou-a. As homenagens ultrapassaram as fronteiras russas e envolveram personalidades tão diversas como o Presidente da África do Sul, Mendes Bota, o líder americano Einstein, o dirigente chinês Pyongyang e o missionário indiano Bogotá.

Confusos? Esta é uma visão da História Mundial resumida e adaptada por 100 estudantes universitários escolhidos para responder a um pequeno teste que consistia apenas em reconhecer 20 personalidades históricas ou cidades do Mundo. A ideia foi do *Jornal de Coimbra* e os resultados deixaram todos boquiabertos.

Victor Hugo chegou a dentista, Renoir enfrentou Yves Saint-Laurent no mundo do estilismo e até o periódico inglês *Daily Mirror* teve honras de figurar na lista das actrizes de cinema. Nem os portugueses escaparam aos erros estudantis. Vieira da Silva é escritora para quatro alunos ou actriz para outros dois. Vergílio Ferreira fica imortalizado como actor, João Cutileiro tem dotes para o teatro, para a moda ou para a escrita e Salgueiro Maia oscila entre general e um conhecido toureiro das praças portuguesas. O recorde dos disparates parece ser, no entanto, concedido ao ditador haitiano Jean-Claude Duvalier. Foi estilista para um aluno do 2.º ano de Engenharia Mecânica, famoso escritor para um seu colega finalista e actor francês para um candidato a advogado, no 3.º ano do curso.

A média global dos resultados não passou dos 5,6, com uma ligeira vantagem das mulheres (51% contra 49% de respostas certas) e com um pequenino predomínio de Direito em relação aos restantes cursos. Assim, os candidatos a advogados conseguiram a nota máxima de 7,2 valores, contra os 6,8 obtidos por Farmácia e os míseros 6 valores acumulados por Letras e Psicologia.

Rosa Pedroso Lima, in *Expresso*, Lisboa